



### **Relato de Experiência – Uma escrita em Primeira Pessoa**

### **Círculos de Mulheres: Deusa, mãe, sacerdotisa e alquimista**

#### *Círculos de Mujeres: Diosa, madre, sacerdotisa y alquimista*

---

**Virginia Sampaio**

<https://orcid.org/0009-0004-1321-390X>

Psicóloga desde 1974 (UGF/RJ), pós-graduada em Psicanálise (IBRAPSI/RJ) e servidora do Ministério da Saúde. Em 1999 ingressou no Círculo Sagrado Feminino Remanso/Teia de Thea, criado por Mirella Faur. Atualmente trabalha com “CuraTerapia”. E-mail: [lopessampaio@gmail.com](mailto:lopessampaio@gmail.com).

## Resumo

Trata-se de um relato construído em primeira pessoa por aquela que é considerada a “segunda da fila”, antecedida apenas por Mirella Faur, uma conhecida personagem no capítulo de constituição e divulgação de Círculos de Mulheres no Brasil, com um conjunto de livros publicados. Um texto poético e emocionante que se apresenta como uma carta convite para mulheres de distintas idades e lugares, uma expressão de um modo de ser, sentir e atuar no mundo construído em Círculos. Uma expressão que termina com uma homenagem, um círculo que se fecha, e outros que se abrem, como canta a música conhecida entre as praticantes de espiritualidades femininas.

## Palavras-chave

Sagrado feminino. Espiritualidade Feminina. Gênero.

Estamos vivendo um momento de reviravolta que abre espaço para mudanças criadoras, relacionadas às questões da identidade de gênero, raça e direitos humanos, que estão sendo tratadas em todo o mundo. Um momento mundial desafiador que envolve uma multiplicidade positiva para desconstruir modelos de um sistema patriarcal no qual, a posse e o domínio não sejam as únicas formas de relacionamento, pois este contexto nos afeta e nos inflama ou nos congela frente a esta situação. Então debatemos, confrontamos, levantamos bandeiras e ofendemos uns aos outros, na busca da verdade, na busca da solução e nesta confusão, misturada com mentiras e verdades há o perigo de nós mulheres nos perdemos, nos afastarmos pela rivalidade, pela disputa e outros sentimentos que possam intervir na concepção do mundo mais sustentável, consolidado na cooperação numa filosofia do ecofeminismo, que é um movimento de quem correlaciona a destruição do meio ambiente diretamente relacionado com a opressão feminina, ferindo a Mãe Natureza... a Deusa.

Há um perigo em cena, nas armadilhas escondidas na floresta da selva de pedra, que nem sempre identificamos. Nós mulheres precisamos ter cautela, cuidado para não esfacelarmos e nem tão pouco ficarmos desmilinguidas e abafamos o que já construímos nesta jornada do fluxo do sagrado feminino, que é mundial. Nós mulheres estamos na caminhada para alcançarmos o milionésimo círculo – movimento planetário – Os Círculos de Mulheres podem ser vistos como um movimento



evolucionário e revolucionário que está escondido por trás de uma imagem aparente: parece ser apenas um grupo de mulheres reunidas, mas cada mulher e cada Círculo está contribuindo para algo muito maior. (BOLEN, 2016).

A espiritualidade feminina flui como onda que vem aumentando o seu tamanho e a vontade de reconstruir novas atitudes dissolvendo o hábito de um sistema patriarcal que diz que é assim que deus quer. A construção e o resgate da espiritualidade feminina passam pela valorização da história e dos ensinamentos das mulheres em diferentes tradições ao longo dos séculos, muitas vezes esquecidos ou apagados pela narrativa patriarcal dominante. É também uma onda que busca promover a inclusão e a diversidade, reconhecendo que a espiritualidade é vivida de maneiras diferentes por diferentes mulheres em diferentes culturas e contextos.

Nós mulheres que estamos resgatando o ajuntamento dos laços de amor, se faz necessário compor a cada dia, mais e mais a consistência desta jornada. Os laços de sangue, pelo ciclo menstrual, tanto na menarca como na menopausa, ressignifica um novo sentido no mundo atual, advindo da origem da humanidade, que consagrava o sangue como potência sagrada da mulher geradora da procriação da espécie, assim sendo o mistério do sangue, a fonte suprema em todas as formas de criação. O culto da deusa representava a Criadora Divina. O retorno da deusa ao longo das eras traz o sussurro demonstrado na inspiração desta canção “Mãe Antiga”: “Mãe Antiga, ouço o teu chamado. Mãe Antiga, ouço tua canção. Mãe Antiga, ouço tua risada. Mãe Antiga, provo tuas lágrimas ou (...) provo do teu sangue.” (trecho da música de Márcia Bianchi do grupo “Celebbranddo”).

A Criadora Divina, a Grande Mãe e tudo girando em torno dela, desvendou o retorno da deusa, que está diretamente relacionado com os ciclos do Sol, da Lua e da Terra uma roda, representando a criação do mundo, o eterno ciclo vida-morte-vida, em diversas tradições culturas e, não como é registrado até os dias de hoje, na tradição judaica/cristã, sendo o Deus imagem e semelhança do homem, o criador do mundo. A mulher tem como sua natureza gerar do seu sangue menstrual uma nova vida, se tornando representante na terra como mãe divina e nós mulheres deixamos de ser órfãs tendo a mãe divinal. Este é o propósito dos círculos de mulheres: uma espiritualidade feminina voltada para o sagrado feminino, honrando a vida, a criação e o amor.

Aliás é bom sinalizar que a deusa caminha junto com o termo matrifocal, aqui a mulher reina, mas não governa e sim acena ideias num pensamento com práticas espirituais, que giram em torno de



uma deusa mãe. Aqui a deusa não é um mito, uma lenda ou mesmo um símbolo, mas uma realidade cósmica.

Digo que para conseguirmos o milionésimo círculo, que possibilita de grão em grão plantar na mãe terra a potência da mulher sagrada: - mulher sagrada eu sou, precisa desconstruir em si o sistema patriarcal para o sistema matrifocal, tendo como princípio o resgate da Mãe Divina, a Deusa.

O acontecimento patriarcal do domínio de um deus-pai único, sempre girando e se movimentando em torno da figura do masculino, tem trazido prejuízos para o planeta, para as mulheres e para os homens. A Deusa ou a Grande Mãe permaneceu oculta sob o véu da história, mas ela retornou e agora sussurra revelando que o seu retorno possibilita homens e mulheres encontrarem inspiração para criar um mundo diferente.

Eu ouvi uma vez uma mulher condutora de círculos do sagrado feminino dizendo que *nós mulheres ficamos órfãs de uma deusa-mãe*. De fato, essa é uma questão que permanece para milhares de mulheres. O que ficou para a humanidade foram histórias mitológicas como um simples e longínquo passado mítico e surreal onde falam das Deusas.

Relembrando que foi no final do século XX que aconteceu o renascimento da grande mãe, da senhora da vida, da morte e da regeneração. O culto do divino feminino é um dos mais antigos e a terra cultuada pelos humanos da pré-história, tinham uma relação direta como sendo a terra a mãe de todas as coisas vivas e ao mesmo tempo responsável pela morte. Não havia separação entre o mundo humano e o mundo natural, todos eram filhos da TERRA. O tempo foi passando e o deus se tornou único apregoado pela religião monoteísta até os dias de hoje. Contudo a TERRA concebe a GRANDE MÃE e nos leva a seguinte indagação: - Há um preconceito estrutural que nos impede de evocar ou chamar a Deusa, como fazemos naturalmente com o nome de Deus. Por que geralmente há uma inibição no ato de evocar a deusa? Em cerimônias ritualísticas a Deusa é evocada, porém fora deste contexto, geralmente ou habitualmente, só usamos o nome do “Deus Pai Todo Poderoso Criador do Céu e da Terra” e restringimos o chamado “Deusa Mãe Toda Poderosa Criadora do Céu e da Terra”. Isso chama a minha atenção desde quando eu iniciei minha jornada no círculo sagrado feminino em Brasília no ano de 2002, com a mestre Mirella Faur.

Evocar Deus no masculino é um hábito comum, mas é importante considerar esse uso advindo de uma história que anulou e destruiu as religiões pagãs, que existiram muito antes de Moisés e de



Cristo. Como desconstruir esse hábito? Uma tarefa desafiadora. Mas é importante lembrar que a Deusa é tão real quanto Deus. A Deusa não é um mito no sentido de lenda contada pelos gregos e romanos. É compreensível esta associação que fazemos com a mitologia ocidental causando uma inibição quando articulamos em tom bem alto “Deusa Mãe Toda Poderosa” no cotidiano de nossa vida. É possível dar uma viravolta neste sistema e chamar a Deusa sem constrangimento? Como? As mulheres quando se reúnem nos círculos sagrados evocam a Deusa em seus ritos e mitos sem acanhamento porque neste contexto estamos autorizadas pelo deus de evocar a deusa.

No passado remoto, as mulheres reuniam-se em círculos sagrados para evocar a Deusa, numa conexão direta com o divino feminino e explorar a potência intuitiva incorporada no ser mulher, sem estar afetada pelo pecado, antes do período histórico das caças às bruxas. Mas no mundo atual, pode não ser possível em outras configurações que envolve o campo sociocultural, atravessado pelo político e suas ideologias, assim como, religiões que permanecem atuando na caça às bruxas, com outra roupagem do século XXI, em nome de Deus. Logo, evocar a Deusa pode ter importantes implicações que ficam no ar com a possibilidade de produzir uma insurreição macro e micropolítica. Nessa conjuntura não explicita ressoa em nós causando inibição e o hábito automático embutido em nós, advindo do preconcebido se manifestando. A tradição ocidental monoteísta, registrada em nossa memória, mantém arraigado o conceito do “Todo Poderoso” que gratifica as atitudes humanas se obedecermos. Essa situação da inibição de evocar a deusa de fato é contraditória e acontece porque evocamos a deusa no círculo e fora dele não. Desfazer esse conceito de um Deus único Todo Poderoso e incluir a palavra Deusa se torna um “dever de casa” exercitando nosso pensamento, sem culpa ou julgamento e refletir sobre a palavra deusa se vem completar a nossa germinação, nascendo em nós de dentro para fora, vindo da alma. Exemplificando: os guaranis chamam a garganta de **ahy’o**, que significa literalmente “ninho das palavras-alma”. A intuição revela a palavra e a alma reconhece. Ato potente do acontecimento, sendo fundamental para transpor esta barreira.

A palavra "falo" tem uma referência ao órgão genital masculino, mas também pode ter um sentido mais amplo de representar a energia masculina ou o poder dominante. O sistema patriarcal judaico-cristão é um conjunto de crenças, valores e práticas segundo a qual as acusações de bruxaria funcionam como um castigo para quem não se enquadra nas normas micro e macropolíticas do desejo e, as acusações culposas predominam nas mulheres, geralmente são acusadas, pois se baseiam na



hierarquia masculina e na submissão feminina, que perpetua o domínio de gênero na relação interpessoal e profissional. Um exemplo atual de perseguição contra mulheres está no universo online sendo vítimas de assédio virtual, com mensagens ofensivas, ameaças de violência e até mesmo chantagem: - a mulher sendo queimada na fogueira virtual.

Como servidora pública pelo Ministério da Saúde, eu fui removida do Rio de Janeiro para Brasília em agosto de 1999, com o objetivo de desenvolver o projeto de Promoção das Ações de Gênero na Função Público, assunto importante, necessário que estava em destaque nesta época da virada de século, com uma política de construir uma sociedade mais justa e igualitária, com ênfase na questão do gênero vinculado a onda do feminismo que resistia em aceitar o lugar de menos valia nas funções hierárquicas. Então para promover estas ações de gênero no serviço público, se fez necessário ter uma abordagem transversal, que envolvesse mulheres e sensibilizasse a sua potência produtiva e criativa, com seu direito valorizado na equidade.

Esse foi um desafio valioso, pois sendo uma psicóloga feminista, psicanalista, afoita, movida para ações do coletivo feminino, atuar com servidores públicos apresentando um novo sentido em ser mulher, significou desafiar as expectativas impostas pela sociedade e recusar definições estereotipadas de gênero. Ainda há muitas indagações e anseios presentes nesse processo. Eu buscava sustentabilidade na clínica pública e privada para desconstruir a ideia de que nós mulheres concebíamos como proteção ter um homem. Neste projeto tinha como princípio a necessidade de desenvolver um trabalho que viabilizasse uma política de gênero que contribuísse para a melhoria de qualidade de vida, pois vivíamos uma cultura imposta para um e outro sexo, que restringiam criatividade de pensamento gerando problemas, distorções, discriminações, adoecimentos e outros fatores, não sendo compatíveis com uma sociedade voltada para globalização.

Então entra em cena Rose Marie Muraro (2000), uma escritora, intelectual e feminista brasileira, com muitos livros publicados e títulos honrosos, que contribuiu com sua presença neste projeto com palestras, ensinamentos e eu, como coordenadora, tive contato direto com ela. Em suas palavras contava histórias das mulheres brasileiras, que se transformou em conceitos e muito aprendizado, ela foi uma mestra na minha jornada que absorvi nas minhas práticas clínicas. A partir daí, o meu modo pensante mudou e senti a necessidade de alterar o conceito que tinha sobre o sentido de ser mulher, provocando o tema “Que mulher eu sou?”



Eu destaco um de muitos livros dela “Textos da Fogueira”, uma obra provocativa e crítica, que desafia os valores tradicionais da sociedade em relação ao poder e à sexualidade, sobre o orgasmo das mulheres. Mulher orgástica vai para a fogueira, assim disse Rose Marie Muraro (2000) argumentando neste livro e apresentando a realidade que o verdadeiro poder nasce do Sagrado, que a sexualidade é uma força natural e poderosa que deve ser respeitada e valorizada. No entanto, ela também aponta para a forma como esses valores são muitas vezes corrompidos e utilizados para fins egoístas e opressores. Ela critica a forma como as mulheres são frequentemente reprimidas e controladas em relação à sua sexualidade, e aponta para a história do “Martelo das Feiticeiras” como um exemplo do poder opressor exercido pela igreja às mulheres.

Não demorou muito, depois desta rica experiência com Rose Marie Muraro (2000), um fato advindo de uma amiga, que me contou sobre um lugar, em uma chácara, que realizava plenilúnios só para mulheres. Eu fui... Que experiência enriquecedora. Conheci Mirella Faur. Eu fiquei arrebatada neste plenilúquio na Chácara Remanso em Brasília no ano de 2001 e pressenti um chamado distante. Vou contar esta experiência:

- Um dia de lua cheia, em Brasília, Eu tomei coragem e fui sozinha, pela primeira vez, até a Chácara Remanso. Eu fazia pouco tempo que morava em Brasília. Fui orientada como chegar lá. Eu formei o caminho em minha mente e segui em frente. Eu me perdi naquela imensidão do céu de Brasília. Havia uma lua cheia esplendorosa e eu ali, no meio daquele caminho, eu me senti num labirinto, entrando numa estrada... rodopiando em outra... que me levava de volta para o mesmo lugar. Até que repentinamente como num passe de mágica se fez e... cheguei. Fiquei encantada... Atravessei uma entrada... Agora sei... foi um portal! Nem sei como descrever, mas foi transcendental. Uma sensação de plenitude... Foi inicial. As Nornes, as Senhoras do Destino traçaram neste dia a minha jornada, que ano após ano fui iniciada por Mirella Faur... A mestre... a amiga... a mãe de alma... eu me fiz sacerdotisa que Sou.

Mais confirmações eu fui recebendo em cada plenilúquio que comparecia. As mulheres no Círculo, as palavras de Mirella, os rituais, as vivências e eu me transportando para outra dimensão sentindo uma leveza pura de sensação de afeição em ser mulher sagrada, compreendendo o sangue menstrual como saúde e não como “incômodo”.





Voltando ao início do meio, conheci Mirella Faur de modo direto ao participar de um workshop conduzido por ela em outubro de 2002, “Magia da Deusa Gaia”. Lá vivenciei o significado do sagrado feminino sem compreender o sentido da Deusa desvinculado dos mitos gregos e romanos como lendas de povos antigos. Como assim invocar a deusa e não o deus? Falam de deusas: - Como assim!?

Gregos e romanos têm seus mitos sem o rito e o feminismo como sagrado. A relação entre os mitos gregos e romanos e os ritos associados a eles, bem como o papel do feminismo na redescoberta do sagrado feminino na mitologia, foi revelador. Assim aconteceu... Eu despertei. Eu me tornei sua discípula. Iniciei os estudos, fui iniciada nesta senda. A formação: primeiro ano - dedicação; segundo ano – confirmação; terceiro ano - primeiro grau e cada ano completava mais um grau e quando completou o terceiro grau me tornei sacerdotisa da Deusa na tradição Celta. Depois foram mais três anos estudando as Runas, na tradição Nórdica e completei mais três anos concluindo as iniciações xamânicas da tradição nativa norte-americana de culturas indígenas. Atualmente eu e outras mulheres que fizeram essa longa jornada iniciática nos tornamos Amigas da Teia de Thea e autogerimos o sagrado feminino, reverenciando a Grande Mãe.

É necessário dizer que o sagrado feminino não é religião no sentido instituição e nem tão pouco uma seita, e sim, com o conceito de religar a mulher a mãe divina, é resgatar a deusa em nós, é dar sentido a “Mulher Sagrada... mulher sagrada Eu Sou”.

Se passaram 22 anos... vivências, estudos, ensinamentos, orientações, consultas, conversas de mulher para mulher, conselhos, verdades, desabafos, cartas, e-mails, ritos, mitos, os seus livros, muitas lembranças, com a presença do alento, para desvendar o mistério do sagrado feminino que há em nós.

Mas chegou o tempo em que Mirella encerrou o seu trabalho em Brasília na Chácara Remanso em 2006. Ela e o Claudio Capareli, um casal potente sensitivos e criadores de dois caminhos: Mirella com o sagrado feminino e dirigente de Círculos de Mulheres e Claudio xamã, espiritualista, umbandista e condutor do grupo Lobos do Cerrado, voltado para o sagrado masculino e, terapeuta exercendo a prática de Terapia de Vidas Passada que revelam encarnações passadas que criam marcas profundas de origem remota, além de ser médium passista. Eles mudaram para a cidade Águas da Prata no Estado de São Paulo, mas Mirella criou a Teia de Thea, o seu legado.





Mirella sempre empenhada no estudo, na formação de sacerdotisas, na vivência, e na reverência aos princípios e valores da espiritualidade, sendo pioneira no Brasil, promovendo plenilúnios públicos sem deixar de acontecer todos os meses, assim como as celebrações da roda do ano e os ritos de passagem. Realizou vivências, workshops, palestras, cursos, publicou seus livros, artigos, vídeos no youtube e mestre iniciadora do sagrado feminino. Ao ter idealizado a Teia de Thea, nesta época de 2006, ela habilitou sete mulheres sacerdotisas, que tinham uma longa jornada na Chácara Remanso, que beberam desta fonte, as fiandeiras centrais e ela a tecelã mor. Se tornou uma árvore frondosa em plena expansão (ver site <https://www.teiadethea.org/>). Lá em Águas da Prata ela concluiu mais 4 livros, “Mistérios Nórdicos” (2007), “Ragnarok” (2015), “As faces Escuras da Grande Mãe” (2016) e “Círculo de Mulheres Contemporânea” (2011), contudo, sempre mantendo seu vínculo e nós mulheres da Teia de Thea continuávamos recebendo da mestra os seus princípios.

As diversidades dos mitos e rituais pelo ponto de vista de Mirella, demonstrava a sua diversidade e sua conduta impecável com a ciência através da sua formação em química manifestando-se no seu ser de mulher alquimista a presença de uma formação acadêmica.

*Com Mirella Faur eu me deparei com o mote "MULHER SAGRADA EU SOU".*

Eu compreendi neste processo do resgate do sagrado feminino como sendo o Graal, “aquilo que é o objeto de nossa vontade” concebendo a fertilidade e a abundância, a potência do nosso corpo de mulher. Quando resgatamos o sagrado feminino, a nossa potência de ser mulher expressa o nosso interior pela intuição, sem devaneios, possibilitando criar um modo de pensar atento, sem julgamento do que vinha de fora, porque pressentia o sopro do devir, o vir a ser, a vontade divina em nós.

As danças circulares, o livro "A Mulher Que Corre Com os Lobos" (2014), introduzido entremeadado com nossos estudos do sagrado feminino, o xamanismo, a filosofia esotérica, o sentido e significado de magia, embasava a conexão entre a natureza, a espiritualidade e a feminilidade. Essas práticas e conhecimentos podem ajudar a promover a compreensão e o respeito pela diversidade cultural e aprofundar a conexão com o mundo ao nosso redor.

Os encantamentos, as meditações, o corpo, a alma, o resgate da potência intuitiva, revela a deusa que há em nós mulheres, portanto ao longo destas vivências, eu percebi que resgatar o ser mulher relacionado com a questão do gênero, como fazia anteriormente nos meus trabalhos de



psicóloga, nada iria modificar se não incluísse os princípios do sagrado feminino como origem de nosso fundamento, saindo do mito judaico cristão que colocava a mulher como sendo a pecadora por ter oferecido o fruto do conhecimento. Ao se liberar desse pré-conceito estrutural, abre-se um horizonte facilitando a desconstrução do hábito do discurso queixoso da mulher julgadora, reclamando, se culpando ou culpando os outros, nessa vitimização presente na luta da guerra dos sexos, numa busca da igualdade dos sexos, confundido em atos competitivos, provenientes do sentimento de falta ou de carência. Contudo não se trata somente de fazer parte de um círculo de mulheres voltadas para o sagrado feminino e todas as dores ou ressentimentos serão resolvidos, mas sim de criar um pensamento e um desejo que não faz o uso piedoso das dores ou males que acontecem com a gente atuando pela réplica ou usando a expressão “é assim que Deus Pai quer” ...

Esta abrangência do pensamento na ação do gênero tem fios que se embaraçam no paradigma do sistema patriarcal e para sairmos deste lugar de submissão nos empoderamos ao aprender a “linguagem do homem” e não olhando para a sua potência de mulher, e sim reproduzindo suas atitudes machistas sem perceber. Para completar este cenário, tudo é justificável usando o nome de deus: “o pai todo poderoso criador do céu e da terra”, colocando a mulher abaixo, pois a culpa tende a voltar à mulher.

Muitas vezes, as estruturas patriarcais podem reprimir nossas virtudes e nos fazer sentir limitadas em nosso potencial. É comum sentir alívio e esperança quando percebemos que essas estruturas não nos definem e que podemos nos libertar delas. Nos ritos, nos encantamentos, eu sentia um conforto ao identificar as minhas sombras embaraçadas num modelo patriarcal e via num instante preciso, minhas virtudes reprimidas, percebendo que era possível me libertar destes nós.

É imprescindível buscar a união harmoniosa complementar das polaridades e valorizar a dimensão feminina da Divindade. É importante procurar novos símbolos e rituais para fortalecer essa consciência coletiva e promover o surgimento progressivo do retorno à Deusa. A revalorização do Sagrado Feminino é fundamental nesse processo. Ao refletir sobre a importância de nós mulheres reconhecermos a presença da Deusa em nossas vidas como algo oculto e muitas vezes deslembado, o que pode dificultar o entendimento de sua potência. É preciso buscar conexão e compreensão para reconhecer a presença e importância da Deusa. A diferença entre o Pai patriarcal celeste e a Mãe cósmica telúrica universal se explica por ser o Deus que transcende o universo criado por ele e eleva-



se sobre o mundo, enquanto a Deusa por ser imanente, assenta sua força divina em todos os objetos do universo, percebidos pela utilização dos sentidos. Está presente na abordagem da figura da Mãe Divina como a criadora e a essência imanente presente em todas as manifestações da natureza se torna real. Além disso tudo, a Deusa destaca-se também, no sentido, que todo ser vem de uma mulher.

FA Deusa é a Grande Mãe Natureza, fonte de toda a vida. O mundo foi girando, o tempo nos transformando, o mistério do tempo se revelando e os homens se conscientizando de seu papel na reprodução de sua potência de fertilizador, mas Ele se tornou filho da Deusa, pois dela era nascido. Clarissa Pinkola Estés (2014), em seu livro *Mulheres que Correm com os Lobos*, alerta que a falta de conexão com a deusa-mãe-criadora nos privou, também, do contato mais profundo com os arquivos da nossa própria história e da memória preservadora da tradição feminina, causando desequilíbrio na psique de homens e mulheres.

Os estudos sobre os gêneros masculino e feminino demonstram que as características, os traços, os comportamentos e os papéis de homens e mulheres não são produtos exclusivamente biológicos e muito menos inatos, pois nas ações do gênero fica a possibilidade de mulheres e homens repensarem numa nova proposta de vida sem exclusão e reconstruir a possibilidade de outras concepções, que abram caminhos à política do gênero na elevação da consciência e do enriquecimento histórico da humanidade.

Na sociedade contemporânea, estão ocorrendo mudanças significativas nos papéis de gênero. Cada vez mais, homens e mulheres estão desafiando as expectativas tradicionais de gênero e buscando igualdade em todas as esferas da vida. As mulheres estão conquistando posições de destaque em áreas antes dominadas pelos homens, enquanto os homens estão assumindo papéis mais ativos na paternidade e no cuidado com a casa. Essas mudanças refletem uma crescente conscientização sobre a importância de se criar uma sociedade ética, não moral e inclusiva para todos.

Guerra dos gêneros e guerra aos gêneros. A guerra dos gêneros refere-se à luta por igualdade de gênero, onde busca-se eliminar a discriminação e os estereótipos de gênero. Já a guerra aos gêneros é uma expressão utilizada por pessoas que são contrárias à ideia de que gênero é uma construção social, defendendo que existem apenas dois gêneros biológicos, masculino e feminino. É importante entender a diferença entre essas duas expressões e respeitar a diversidade de identidades de gênero existentes.



Emergência da mulher ou emergente feminino? Este título pode ser interpretado de diferentes maneiras, mas se refere a uma questão importante sobre a representação das mulheres na sociedade. Algumas pessoas argumentam que a "emergência da mulher" sugere que as mulheres estão apenas começando a ter um papel significativo na sociedade, enquanto outras preferem o termo "emergente feminino", que enfatiza o potencial das mulheres para compor na sociedade.

O que o gênero masculino precisa saber do gênero feminino. Não é possível generalizar o que o gênero masculino precisa saber do gênero feminino, já que cada pessoa é única e tem suas próprias experiências e perspectivas. No entanto, é importante lembrar que homens e mulheres devem ser tratados com respeito no sentido ético. É essencial que todos se esforcem para entender e reconhecer as desigualdades e injustiças que as mulheres enfrentam na sociedade, e trabalhar juntos para superá-las.

O século XXI tem sido marcado por uma transformação significativa na forma como a masculinidade é entendida. Antigamente, a masculinidade era frequentemente associada a traços como força física, agressividade e controle emocional, enquanto características como vulnerabilidade e empatia eram consideradas femininas e, portanto, menos valorizadas. No entanto, hoje em dia, muitos homens estão desafiando esses estereótipos de gênero e abraçando uma masculinidade mais inclusiva e diversa, que valoriza a expressão emocional.

Neste cenário em que o contexto de nossas vidas se massifica na expansão do E de eletrônico, E-indivíduo e sua globalização nos deparamos com a necessidade de rápidas adaptações, de uma perspicácia cada vez mais aguçada diante de escolhas e decisões. É necessário ter coragem para enfrentar os riscos com persistência em consolidar mudanças e lidar com o desconhecido.

Em tempos onde a palavra “desafio” ronda todas as esferas da vida é importante desconstruir o modelo moral do papel da mulher, que devido às transformações que vem ocorrendo sobretudo a partir da década de 60, com as mudanças na função social da mulher, que deixa de se dedicar apenas a uma jornada de trabalho (prendas do lar) e passa a ocupar novos lugares nos cenários sociais, assumindo duas ou às vezes até mais jornadas de trabalho, expandindo sua expectativa para o estudo, para a participação no mercado de trabalho, desafios que vêm se somar àqueles envolvidos com o lugar de esposa e mãe se modificando, na busca de sair do modelo da tradicional família, para construir outra sentido sem julgar, a mãe ou a mulher.



Como coordenar este tempo? As mulheres têm o problema da vida privada, porém esta questão só pertence a ela? Que modificações as novas ações da mulher trazem para a dinâmica familiar, para o relacionamento a dois, para o papel do homem nestes “novos tempos”? Os “novos tempos” nos trazem novos sujeitos? Novas mulheres, novos homens? Emergência da mulher ou emergente feminino?

Essas indagações são valiosas pois ao respondê-las vamos percebendo que ao longo do tempo as respostas vão mudando, pois o presente é a manifestação atualizada do passado, assim aprendi com as senhoras do destino as Deusas Nornes da mitologia nórdica no livro de Mirella Faur “Mistérios Nórdicos: Deuses. Runas. Magias. Rituais” Eu compreendi neste processo do resgate do sagrado feminino que a minha prática clínica como psicóloga foi mudando com os conhecimentos que estavam acumulando em minha memória e eu percebi que era o momento de assumir a espiritualidade na minha clínica e me intitulei “Psicóloga Espiritualista do Sentir”.

Paralela a esta percepção, eu junto com uma amiga psicóloga e parceira em muitos trabalhos, estávamos construindo no período da pandemia o projeto FiandoSer:

“Muita leitura e resgate de estudos antigos, além de uma diversidade de conceitos que mesclavam entre ciência, espiritualidade, o sagrado, a psicologia, a psicanálise, a terapia reichiana, os oráculos, as mitologias e ritos – uma trajetória longa de muitos ensaios, erros e realizações. Trabalhos em grupo, com o foco no coletivo, atendimentos individuais e firmamos a concepção do FiandoSer. Esta percepção nos levou a conceber o FiandoSer e a identificar as ligações dos conhecimentos teóricos dos nossos influenciadores como Mirella Faur, Jamie Sams, Gustav Jung, Wilhem Reich e Henri Bergson. Em relação a Mirella Faur, destacamos seus estudos voltados para a mitologia nórdica”. (SAMPAIO e FIXEL, 2023)

Fez a trilogia da psicologia, espiritualidade e filosofia. Conversamos com Mirella sobre este projeto e a sua participação na construção do FiandoSer foi significativa e, quando preparamos o roteiro do primeiro grupo terapêutico da clínica da CuraTerapia, para ser conferido e aprovado por ela, sua reação foi de incentivo, dizendo-nos ter ficado honrada por tê-la incluído com os outros teóricos.



**Inventário para responder indagações profundas para serem fiadas por nós mulheres sagradas somos:**

- O que posso compreender sobre a tradição da Deusa?
- Como manifesto a presença da Deusa em minha vida cotidiana?
- Qual o poder mágico do Círculo voltado para o sagrado feminino?
- Como se dá a influência da lua no nosso cotidiano?
- Como relacionar os elementos da natureza em nosso corpo/mente? Que benefício me traz?
- Para que convêm os símbolos mágicos?
- Como criar um altar e qual é o efeito ou benefício? É preciso mantê-lo?
- O que é magia, encantamento e rituais?
- Como se realiza um ritual?
- Para que serve a utilização da “roda do ano” e os *sabbats* no mundo atual?

*In memoriam*

Mirella, eu estou inspirada pelas suas palavras, pelos seus últimos textos que escreveu para nós mulheres da Teia de Thea e pelos sonhos que andei tendo, onde você aparece com sua firmeza e consistência sussurrando sobre os acontecimentos atuais. Daí veio a saudade manifestada na lembrança de muitos encontros, de muitos ritos incentivadores que me impulsionaram no ato de desconstruir o conceito deturpado de ser mulher... um novo olhar de mulher. Muitas histórias aconteceram em Remanso, no Colibris, em Nova Friburgo e em Águas da Prata. Muitas já contadas e outras na minha memória.

Vem saudade! Aquela saudade feliz que fica retida na retina.

Mirella Faur um belo Carvalho (Oak),  
Formoso por sua força resoluta,  
Sua confiabilidade,  
Que suporta ventos, tempestades,  
Tem a terra sob seus pés



Alinhando-a com raízes fortes  
vindo de suas origens.  
É aquecida pelo fogo, seu espírito,  
Que faz de você a mulher que criou  
Os brotos dos saberes,  
Lançados em sementes,  
Com amor sobre a mãe terra,  
Que germina árvores  
no jardim das Plêiades.  
Eu canto para você mestra amada,  
Eu danço e rodopio...  
Com todas as sacerdotisas.  
Eu reverencio a XaMãe  
Mirella Faur.

O vento leva para todos os portais notas suaves  
As brumas de Brígida e  
de Morgana.  
Seu coração ecoa o som do tambor  
Que ecoa em seus dedos em movimento  
Desenhando as letras dos seus escritos: - sua obra.  
Mirella gratidão pelo legado,  
Pois seus livros não morrerão jamais.  
A Grande Mãe vibra em nós mulheres  
Pois assim nos manifestou  
Você provou.  
Mulheres consagradas nós somos.  
Vamos celebrar o parto e  
a partida.  
O Ciclo Contínuo da Vida-Morte-Vida.





Parto...  
Partir...  
Parir...  
Levitando para o outro mundo.  
O Ar de seu sopro parou, mas te levantou...  
a Mãe Terra te abraça...  
a Água te purifica...  
o Fogo transmuta.  
Nesta alquimia misteriosa do fuso da vida  
Ouço longe um canto.  
Vejo longe a luz do firmamento.  
A Terra se abre.  
Ela inspira  
Sussurra  
Suspira  
Em cada canto dos 4 cantos.  
Evocando as divindades...  
O Grande Espírito.  
Mirella Faur  
Atravesse as nuvens  
alcance a ponte  
Pise no ARCO-ÍRIS  
O transporte entre os mundos  
O sangue vermelho da Terra de Pachamama  
E das Mulheres  
Celebra seu ciclo de passagem  
Vá em paz...  
Sua missão foi cumprida.  
Com honra e sabedoria.



(O dia de sua passagem 22 de janeiro de 2022)

Virgínia Sampaio

### Referências

SAMPAIO, Virgínia; FIXEL, Mônica. **FiandoSer A Criação**. Editora Clube dos Autores, Edição: (1) (2023) ISBN: 978-65-266-0668-1

MURARO, Rose Marie. **Textos da Fogueira**. Editora Letraviva. Edição 1ª. Rio de Janeiro, 2000.

MURARO, Rose Marie; BOFF, Leonardo. **Feminino e Masculino: Uma nova consciência para o encontro das diferenças**. Editora Sextante. Edição 1ª. Rio de Janeiro. Ano 2000

ESTÉS, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com os lobos: Mitos e histórias do arquétipo da Mulher Selvagem**. Rocco, 10ª edição, 2014.

FAUR, Mirella. **Mistérios Nórdicos: Deuses. Runas. Magias. Rituais**. Editora Pensamento, 1ª Edição, 2007.

\_\_\_\_\_, M. **Círculos Sagrados para Mulheres Contemporâneas**. Editora Pensamento: Rio de Janeiro, 2011

\_\_\_\_\_, Mirella. **Ragnarok: crepúsculo dos Deuses**. Editora Cultrix; 1ª edição, 2015.

\_\_\_\_\_, Mirella. **As faces escuras da Grande Mãe. Como usar o poder da sombra na cura da mulher - lua negra, asteroides, deusa**. Editora Alfabeto, 2016.

\_\_\_\_\_, Mirella. **O Legado da Deusa - Ritos de passagem para mulheres**. Editora Alfabeto. 2ª edição. São Paulo. Ano 2016.

BOLEN, Jean Shinoda. **O Milionésimo Círculo: Como nos transformar a nós mesmas e ao mundo: Um guia para Círculos de Mulheres**. Editora Taygeta; Trion, Edição 2ª. São Paulo. Ano 2016



Relato submetido em 20/05/2023, aceito em 05/06/2023 e publicado em 10/06/2023.

---

TexTos e DebaTes, Boa Vista, vol.29, n.01, e8005, Jan./Jun. 2023.

DOI: <https://doi.org/10.18227/2317-1448ted.v29i01.8005>

<https://revista.ufrr.br/textosedebates/>

ISSN: 2317-1448



Este obra está licenciado com uma Licença [Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).